

Aly Muritiba

00:43 - Aly em off: Acho que ser documentarista, é antes de tudo, ser um curioso, ser um interessado pelo outro e é estar disposto a construir versões, a construir... ficções a partir do objeto real. Então, no fim das contas, ser documentarista, é estar aberto ao improviso, é estar aberto a o imponderável e aproveitar o improviso e aproveitar o imponderado pra criar sentido, pra de alguma maneira sensibilizar as pessoas, mas tendo sempre o objeto real como elemento de sustentação. Então, eu... eu acabo não distinguindo muito documentário de ficção, porque pra mim os dois são construção de narrativa, mas há uma gradação diferente, que diz respeito ao contato que a gente tem com a realidade. No fim das contas, documentário pra mim, pode ser ser tão ficcional quanto a ficção, mas há por parte do documentarista, esse interesse curioso pelo mundo que o cerca, mas de alguma maneira, tentar construir narrativas que possam também de alguma forma, construir e ressignificar ou reconstruir o meio social.

02:00 - Aly: Eu venho de uma cidade muito pequena no sertão da Bahia, uma cidade que não tem cinema até hoje e numa cidade onde o fazer cinematográfico nunca... nunca sequer foi cogitado por qualquer pessoa de lá. O meu contato com cinema foi muito tardio, como espectador mesmo, então a minha formação é... enquanto expectador se deu através da televisão. E aí, aos dezoito anos quando eu mudei pra São Paulo, eu prestei vestibular, fui fazer faculdade de história. Na faculdade de história, eu fiz algumas optativas, uma delas era Antropologia Audiovisual e aí eu comecei a conhecer alguns documentários antropológicos da época, muito mais como interesse e exercício acadêmico do como uma perspectiva de realização. E eu só comecei a... pensar em realizar cinema ou realizar documentário quando fiz a segunda faculdade que é uma faculdade de cinema, que aí eu fiz já aos 27 anos de idade, morando no Paraná. Os primeiros exercícios de documentário aconteceram por influência de um professor que era o Eduardo Escorel, que era professor de uma matéria na faculdade, de documentário. E aí, ao fazer esses exercícios, sozinhos ou então, com colegas, é que eu comecei a me encantar pelo fazer documental.

03:09 - Homem em off: Quando alguém diz “Não, tem que contar a verdade, né?”, preciso ver que verdade é essa, né? Então, como eu sou ficcionista e eu escrevi um romance e não uma reportagem, eu tô interessado em criar uma ficção, não é? Que me permita entender esses acontecimentos. Agora mesmo quando se trata, digamos de história, nós sabemos que as histórias... não existe “a verdade” em história, existem verdades, existem óticas,

existem... interpretações, existem formas de... de compreender o que se deu na história, não é?

Homem ao fundo: E as pessoas se revoltaram...

Aly: Eu tive uma formação católica super sólida lá no interior da Bahia, fazia parte da Pastoral da Juventude e do meio popular. E acho que desde esse momento, essa... esse contato, essa formação, com o cristianismo social, com o cristianismo militante, me tornou muito interessado, é... pelo outro e pelo exercício da alteridade. Então, todas as vezes eu penso num tema ou que eu escolho um objeto sobre o qual falar num filme meu, no fim das contas, é só o exercício de curiosidade daquele garoto lá de quinze anos de idade que foi estimulado pelos padres a sair de seu lugar de conforto, a sair da cidade pra ir pra zona rural, pra encontrar o trabalhador rural, pra entender quais são as necessidades do trabalhador rural. No fim das contas, é... eu faço filmes pra de alguma maneira, é... me encontrar com esse adolescente curioso que eu era, que eu fui, que eu acho que continuo sendo.

04:47 - Homem em off: E poucos dias antes, né, desse levante, eles surraram meus primo de menor, estupraram a minha tia... as minhas primas ali, fizeram barbaridades ali.

Mulher: A gente viveu uma vida que não vale nada e lutar pra ver se melhora, não tem quem deixe de escolher o que fazer, né? Lutar, porque do jeito que tava, não dava. E eu também atirava. Atirava muito bem. Essa é muito boa, ela é muito certa. Hoje em dia, aquela balinha pequena, sabe, 22. Bem pequeninha, bota aqui... mas ela é boa que nem sei, é bem certinha. Cuidado, posso até matar vocês tudo, aqui, agora.

Homem em off: Atira naquele rapaz ali.

Mulher: Aquele lá?

Homem em off: Mira naquele lá.

Mulher: Ele é chato, chato.

Homem em off: Mira na câmera.

Mulher: Posso atirar?

Homem em off: Não.

Mulher: Não?

05:45 - Aly: É, então, eu já fui muita coisa na vida, já fiz muita coisa na vida, então eu costumo dizer que eu não sou cineasta, eu não sou documentarista. Eu estou cineasta nesse momento, eu estou documentarista nesse momento, mas eu não sei o que seria daqui a pouco. E antes de estar documentarista, ou antes de estar cineasta, eu fui bilheteiro de trem na CPTM, eu fui bombeiro militar e eu fui também, agente penitenciário. Fato é que eu vim de uma família muito pobre, onde a única possibilidade pra ascensão social passava pelos estudos, então eu fui buscar uma formação acadêmica sólida, mas a formação acadêmica sólida que eu encontrei, é uma formação acadêmica que apesar de sólida, não dá camisa pra ninguém, né? Eu me formei em história e aí, como professor de história, ganhava muito pouco. Me casei muito cedo, tive filho muito cedo, precisava sustentar a família e aí, encontrei no emprego público, uma alternativa de sobrevivência. Comecei a prestar todos os concursos públicos que apareciam e num dado momento, eu me tornei agente penitenciário. Trabalhei sete anos no sistema penitenciário no Paraná. Esses sete anos coincidem com o período de formação acadêmica em cinema que eu tava fazendo. Por conta desse contato que eu tive com o sistema e, por conta do privilégio que eu tinha de viver o sistema de dentro, de fazer parte da engrenagem do sistema, eu decidi que talvez fazer filmes dentro do sistema ou, sobre o sistema, pudesse ser uma oportunidade bacana pra alguém que tinha as duas experiências, que tinha a experiência e que tinha a teoria. É... e aí, realizei dois documentários dentro do sistema penitenciário e uma ficção.

07:50 - Aly: “Fábrica” é um filme... um filme ficcional, mas que se assemelha muito ao documentário de observação. A gente tem uma câmera muito viva, quase personagem, seguindo a personagem principal todo tempo, não existe muita manipulação extradieética, o filme não tem trilha sonora, os cortes são muito secos, as elipses são pouco marcadas e pouco percebidas. A história contada em “A Fábrica” é baseada numa... numa experiência vivida, em algo que eu vi acontecer e como reencenar aquilo ou encenar aquilo seria algo muito difícil, decidi transformar aquela história numa ficção.

Eu nunca fiz e sigo não fazendo distinção entre ficção e documentário, eu me defino muito mais como um contador de história. Há histórias que cabem ou, que são melhor contadas dentro dos cânones ficcionais e há histórias que são melhores contadas dentro dos cânones documentais, mas eu não faço muita distinção não. Então, no fim das contas, são as

histórias que me... que me conduzem a escolher, a definir qual é a linguagem que será utilizada ou qual é a categoria que será aplicada àquela história que está sendo contada.

09:48 - Agente penitenciária: Três agachamentos, por favor. Não, Dona Lindalva. Aqui. No espelho, no chão.

09:57 - Aly: E “A Fábrica” fez um percurso de festivais muito grande, ganhou muitos prêmios. E eu não queria, no segundo filme, me repetir. E, portanto, defini logo de cara que “Pátio” cabia muito mais dentro de uma estrutura documental e, documental naquele formato que eu acabei elegendo pra fazer o filme, que é o de um filme dispositivo, né? Eu criei uma série de regras e uma série de dispositivos. Como eu tava falando de liberdade, pra mim era importante que a câmera estivesse numa posição que colocasse o espectador no lugar do preso, portanto, que colocasse o espectador atrás das grades. Era importante que não houvesse... é... um uso de trilha sonora, enfim, criei... eram sete regras. E que eu segui ao longo de três semanas pra realizar esse filme.

10:49 - Presos: Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu, o pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Preso 1: Tô dois anos e seis meses. E você, tá quanto tempo já?

Preso 2: Sete meses.

Preso 1: Quanto?

Preso 2: Sete meses.

Preso 1: Ah, chegou agora.

11:29 - Aly: E aí, desse grande material que foi coletado durante essas três semanas, filmando sempre o mesmo enquadramento, fazendo utilização de jump cuts pra poder construir as elipses, eu fiz esse filme que é um filme sobre liberdade, mas que o espectador tá atrás das grades todo o tempo e vai acompanhando, principalmente pela banda sonora, aquilo que os presos pensam acerca da liberdade. Então, eu gosto muito de... de sempre estabelecer pra mim, em qualquer exercício que eu faça, inclusive nos exercícios ficcionais, determinadas regras, determinados princípios que não devem ser quebrados.

12:05 - Preso 1: Daqui duas semanas se pá... tô indo. Aham, o advogado falou ali.

Preso 2: Ô Glória. O advogado falou com você?

Preso 1: Tô indo direto, Edirlei. Tô indo direto. Aham, fui absolvido daquele outro B.O. lá, velho.

Peso 2? Foi?

Preso 1: Graças a Deus, piá.

Preso 2: Teu negócio é aqui assim, na paulada essa semana.

Preso 1: Demorô, piá, é isso mesmo, piá. Hein, Pedro, ôh, hein Pedro. Que nem eu tô saindo, tô pra ir embora ali, se precisar de alguma coisa lá fora, piá. Se precisar de uma ajuda lá, piá, tá ligado? Vamo lá, rapaziada! Vamo lá, Pedro! Vamo lá!

12:36 - Aly: Acho que se nós fizermos filmes, é... que sejam interessantes apenas sob o ponto de vista temático, talvez isso seja muito... é interessante, mas é aquém do que o cinema, do que o documentário, pode proporcionar, do que o cinema documentário pode proporcionar de experiência pro outro, pro espectador, então eu tento sempre, de alguma maneira, é... gerar inquietude pra mim, gerar inquietude no outro, a partir não apenas no tema, mas da forma também.

13:36 - Agente penitenciário: Beleza, deixa eu ver o chinelo. Beleza, pode seguir.

Aly: “A Gente”, ele é... é um filme que no título já traz um trocadilho que eu acho que de certo modo, resume as minhas intenções ao realizar esse documentário. Ele conta a rotina de agentes penitenciários dentro de uma penitenciária no estado do Paraná. E pra mim, era importante que esse fosse um filme feito, não de mim sobre eles, mas de mim sobre nós. Porque eu fui agente penitenciário naquela mesma equipe, naquela penitenciária durante sete anos.

E era muito importante que pra realizar esse filme, eu voltasse a ser agente penitenciário. Então, em 2011, quando as coisas começaram a caminhar no cinema pra mim e eu criei a minha produtora e tal, eu pedi afastamento do sistema penitenciário, mas não havia me exonerado ainda, porque eu imaginava que em algum momento, eu precisaria voltar pra realizar esse filme.

14:55 Agente 1: Tá na guia lá, dor de dente, dor de ouvido, dor de garganta, enfisema.

Agente 2: Então tá morrendo.

Agente 1: Ó, aí pra de noite, fica incomodando aí.

Agente 2: Qual dor que ele não tem? Tem todas.

Agente 1: Rodrigo?

15:27 - Aly: Então, em 2013, quando eu achei que tava preparado e que era o momento pra fazer esse filme, eu pedi a minha reintegração à equipe. Trabalhei uns seis meses na penitenciária, sem falar do documentário, voltei a ser um guarda de prisão pra tentar reconstruir a intimidade com aqueles caras que tinham trabalhado comigo no período anterior. Pra aos poucos, tentar convencê-los e depois convencer os presos de que era importante que esse filme fosse feito. E aí, depois de todos terem sido convencidos disso, de todos terem comprado a ideia do projeto, eu convidei um diretor de fotografia e um técnico de som, os mesmos que fizeram “Pátio” comigo. É, mas logo no primeiro mês, eu percebi que seria impossível, é... filmar “A Gente” com esses dois elementos alienígenas ao sistema, dentro da cadeia. Primeiro, porque era muito perigoso pra eles, segundo, porque bagunçava completamente a rotina da penitenciária. E aí, já no segundo mês de filmagem, eu decidi que as filmagens internas da equipe, deveriam ser feitas apenas por mim, porque assim, essa intimidade que havia sido construída não seria rompida de maneira tão drástica. E aí eu passei os sete meses filmando meu dia-a-dia e o dia-a-dia desse equipe. É... e eu só filmava durante os meus plantões, então eu era um agente penitenciário com uma câmera na mão. Eu botava o colete e filmava e, eventualmente, eu parava de filmar pra algemar um preso, porque éramos muito poucos agentes penitenciários. Eu era um guarda a menos, então, eventualmente, eu tinha que parar de filmar pra... pra trabalhar.

16:56 - Agente 1: Cara, não entra nessa pira aí. Já falei 200 vezes pra esse cara. Daqui a pouco, nós estamos com trinta, quarenta preso aqui ó, e ninguém sabe quem tá atendendo quem. Isso aqui é cadeia pô, pessoal...

Agente 2: E depois aí ó, os presos tão tudo sem algema aí.

Agente 1: Não tem mais algema.

Agente 2: Não tem mais nenhuma.

Agente 1: Não.

17:22 - Aly: Eu havia estabelecido, pra fazer esse filme, um princípio apenas. E o princípio era de que em todos os planos do filme deveria ter pelo menos um agente penitenciário em quadro e os presos seriam sempre tratados como extracampo. Aconteceram dois momentos em que eu estava filmando um determinado... uma determinada situação e não havia nenhum agente penitenciário que pudesse estar em quadro naquele momento, então eu botei a câmera no tripé e eu entrei em quadro e eu participei da filmagem pra poder manter esse princípio.

17:57 - Mulher: E o que que você tem pra me dizer sobre isso? Você tem vinte anos, você é um menino e você no teu histórico de vida, você tem um latrocínio e um assalto com cárcere privado. O que que você tem pra me dizer sobre isso? Sim, mas e porque que você cometeu... porque que você cometeu um assalto? Se você não tivesse cometido esse assalto, não teria cometido um latrocínio. Você tá me dizendo que a culpada do latrocínio foi a vítima?

18:36 - Aly: Eu tinha um pressuposto de que... a mídia, a mídia tratava o assunto de maneira muito estigmatizada e bastante superficial. Eu tinha muito preconceito com os agentes penitenciários antes de me tornar um, porque pra mim, eles eram... agentes, é... da força, agentes Sabe, o braço forte opressor do Estado. E quando eu fui trabalhar como agente, eu encontrei uma coisa completamente distinta.

O filme não tinha um roteiro, mas eu sabia que... filmando o cotidiano daqueles caras e filmando a precariedade sobre a qual aqueles caras eram submetidos pra cumprir a sua função, eu iria de alguma maneira, é... provar ou construir o meu discurso, o meu pressuposto. E pra mim, o grande... o grande entrave pro bom cumprimento da função do funcionário dentro sistema penitenciário brasileiro, sejam eles agentes penitenciários, ou não. É... a ingerência, burocracia e a má gestão do Estado, que não se interessa nem um pouco por gerir bem, é... as vidas que estão dentro do sistema e elas são, hoje em dia, da ordem de 600 mil vidas. Porque é um projeto e há mesmo, há um projeto nacional, há um projeto... e há projetos estaduais que visam a privatização das penitenciárias nacionais. Portanto, a precarização do serviço dentro do sistema previdenciário nacional, tem o objetivo claro que é passar essa incubência pra mão da iniciativa privada.

20:44 - Agente 1 : Vem saindo aqui, ó. Pra trás aqui, pra trás. Pode tirar toda a roupa aí.

Deixa no chão.

Agente 2: Só fica a coruja, deixa aí mesmo.

Agente 1: Tira a meia, desce só de cueca. Desce!

Agente 1: Mas cadê o mocó?

Agente 2: Bingo!

Agente 1: Onde tava? Tava com o chip dentro?

Agente 2: Não, ele tava enrolado num papel higiênico como se fosse um sabonete e o chip tava enrolado também num papelzinho em cima, entendeu?

21:39 - Aly: Eles querem dizer antes de tudo, que dentro daquele universo, existem seres humanos, portanto, existe... existem várias nuances. Então, o sujeito latrocida que matou vinte pessoas também é pai, também chora quando a criança vai embora e talvez queira sair dali e conseguir um emprego, mas não consegue. Quando sai, ele é obrigado a voltar pro mundo da criminalidade, porque a reinserção praticamente não existe. E dentro disso, tem o agente penitenciário tentando, esse sim, equilibrar pratos, esse sim, tentando de alguma maneira, é... pelo menos cumprir sua jornada de trabalho e voltar vivo pra casa. Só que pra isso, o cara precisa lidar com mil sujeitos privados de liberdade. Mil sujeitos cheios de raiva e de ódio e que têm uma série de demandas que nós, agentes penitenciários, não conseguimos atender, não conseguimos cumprir, porque o Estado não dá condição pra que a gente atenda. Então, o cara tá... o cara tá preso numa cela há trinta dias com dor de dente, uma hora esse cara surta, por causa da porra de um paracetamol. Porque o Estado não provê, porque o Estado provê um atendimento médico pra esse cara. Essa cara fala “Poxa, adoraria estudar”, não tem escola lá dentro. E aí, o cara deixa de estudar, enfim, é uma grande falácia, o sistema.

23:00 - Preso: Ô senhor, Eles tão chegando...

Agente: Pra quê?

Preso: Ninguém olha pra nós, tem dois com dor de dente, com dor de garganta, tão abandonados, não cortamo o cabelo.

Agente: Rapaz, rapaz, vocês tão na triagem, então, triagem... triagem, trinta dias, vocês

não têm barbeiro, vocês não têm... vocês ficam aí.

Preso: Mas e remédio, senhor?

Agente: Remédio é enfermaria, aí não é comigo, aí não é comigo.

Preso: Mas todo mundo, todo senhor que passa aqui, estuda a gente e manda pra pipa, a gente manda pipa e não acontece nada.

Agente: Isso é o caminho.

Preso: Se os caras estiver morrendo, vai morrer então?

Agente: Isso é o caminho.

Preso: Vai morrer daí, então.

Agente: Não, não vai morrer.

Preso: Tem que dá uma atenção aí pra nós, todo mundo só passa aí, fala que vai ver, vai ver, e nada...

Agente: Aí, a enfermaria que faz a triagem.

Preso: Eu sei, mas a gente pra chegar na enfermaria, depende do senhor.

Agente: Não, passa pro faxina, o faxina manda o pipa pra lá.

Preso: E cadê nossos pipa?

Agente: Manda pra lá, manda pra lá.

Preso: Tamo há quinze dias aí, senhor.

Agente: Não, quinze dias é normal.

Preso: Não, tamo aqui quinze mandando pipa, senhor. E até agora, nada.

Agente: São trinta dias.

Preso: Entendeu o que eu tô falando pro senhor?

Agente: Entendi, são trinta dias.

Preso: Eu sei senhor, só que faz quinze dias que a gente mandou o pipa e até agora

ninguém foi atendido.

Agente: Só que aqui tem uma cadeia com 940 presos. Só tem uma enfermeira, no máximo às vezes duas. Médico não tem.

24:04 - Aly: Eu sou muito curioso, então me interessa muito, me interessa muito obviamente... não só pelo documentário. Me interessa pelo outro, me interessa muito por aquilo que eu não conheço. O exercício da empatia, o exercício da alteridade, o exercício de tentar de alguma forma, colocar-se no sapato do outro, colocar-se no lugar do outro é o que me mobiliza. Por isso, eu tento e continuo tentando abordar temas diferentes, de objetos diferentes, é... nos filmes que faço. Mas eu acho que ter a consciência de que falo desde um lugar de privilégio, não pode ser paralisante. Não pode fazer com que eu apenas fale única e exclusivamente sobre mim ou sobre os meus. Eu gosto de falar com o outro. Pra falar com o outro, eventualmente, eu preciso me aproximar muito do outro e, eventualmente, falar sobre o outro. O que talvez eu não tenha o direito de falar pelo outro. A minha busca nesse momento é de falar com o outro, “com” no sentido de “junto”. É importante que nesse momento, estejamos nós, todos abertos a falar com. E não sós.